



Editorial

O volume 36, número 2 de Educação & Realidade traz ao leitor os frutos de um trabalho gerado a partir de um tema de investigação proposto pela editoria do periódico: *Pesquisar em Educação*. É a segunda vez que o trabalho em torno de um tema, cujo convite à produção chegou à comunidade científica por meio de chamada à submissão de artigos, encontra os olhos do leitor, dando continuidade, assim, a uma forma de produção que pretende se colocar, pelo tempo pertinente, como uma tradição de trabalho. Recortar temas que se apresentem como pungentes ou, ainda, inéditos no campo da educação e convocar ao debate, tem se situado como um desafio que procuramos acolher e desdobrar.

Ricardo Piglia, escritor e crítico literário argentino, no artigo intitulado *Sujeitos Trágicos*, traz uma interessante discussão em torno da seguinte questão: "[...] como falar de uma sociedade que por sua vez nos determina, de que lugar externo julgá-la, se também nós estamos dentro dela?" (2004, p. 58). A pergunta colocada por Piglia certamente nos instiga, quando refletimos sobre a posição que ocupamos nas investigações que levamos adiante. Sabemos que o lugar externo de que ele fala é um impossível e que talvez nem ao menos valha a pena persegui-lo. Sabemos que no tocante a essa questão, o mais potente talvez seja incluir e explicitar, nos efeitos de nosso trabalho, as condições singulares de sua produção, circunscrevendo a formulação que uma pesquisa gera no lugar em que ela é enunciada – sim, o problema está justamente nesse lugar, a posição do pesquisador e suas circunstâncias, não são de todo apreensíveis, nem mesmo para ele, gerando um resto impassível de explicitação em cada tentativa de realizá-la. À parte o impossível que a proposta de Piglia contém, ela traz, em sua sequência, um elemento que pode nos por a trabalhar: "[...] o detetive, ainda que faça parte do universo que analisa, pode interpretá-lo porque não tem relação com nenhuma instituição, nem sequer com o casamento" (2004, p. 58).

Para Piglia, a marginalidade em que o detetive se mantém, não pertencendo nem ao mundo do delito nem ao mundo da lei – uma vez que não é nem criminoso, nem policial – permite-lhe o trânsito e o descompromisso necessários à enunciação de algumas *verdades*. Sujeito isolado, solteiro e sem família, o detetive, do gênero literário policial, não está atrelado à qualquer instituição social e, justo por isso, experimenta a distância necessária para perceber certas tensões sociais. Na arte de produzir essa forma narrativa, Edgar Allan Poe, seu precursor, é uma das majestades. No conto *A Carta Roubada*, Dupin, o detetive por ele criado, recebe em sua sala os policiais da cidade, aturdidos diante de um crime que os instrumentos de perícia mais modernos não conseguiam desvendar. Diante de tal visita Dupin se move para acender a vela e clarear o ambiente. Move-se e hesita, dizendo: "Se é alguma coisa que requeira reflexão, vamos examiná-la melhor no escuro" (Poe, 2003, p. 8). Não recuando diante das sombras, mas acolhendo-as em seu processo, em um contraste impressionante com os policiais que insistiam em jogar toda a luz possível para esclarecer a situação, Poe, na voz de Dupin, concede-nos uma coordenada potente: acolher o que não se revela de todo é condição para construir um caminho de investigação que não prescinde da aposta em que, no tempo de fechamento do trabalho, os achados (as pistas) estabelecerão um sentido que não estava claro no tempo de sua produção.

A alusão de Dupin ao escuro remete-nos diretamente ao trabalho de Agamben acerca do contemporâneo. Sua tentativa de precisar a definição de contemporâneo e de pensá-la como elemento de impasse na produção de conhecimento, leva-o a uma reflexão sobre as luzes e as sombras. Diz ele: "[...] contemporâneo é aquele que mantém fixo o olhar no seu tempo para nele perceber, não as luzes mas o escuro. [...] Contemporâneo é, justamente, aquele que sabe ver essa obscuridade, que é capaz de escrever mergulhando a pena nas trevas do presente" (Agamben, 2009, p. 62).

Relativamente livre das amarras institucionais, capaz de posicionar-se de forma crítica em relação às instituições (vertentes teóricas) que o constituem, com apreço especial pela meia luz, por aquilo que não se revela de todo a um primeiro exame, o pesquisador pode encontrar, na figura do detetive descrita por Piglia, alguns elementos de inspiração. Também assim nos movemos na construção desse número, procurando privilegiar diferentes vertentes teóricas que sustentam práticas de pesquisa no campo da educação – sem nenhuma pretensão de esgotar as possibilidades, ou mesmo de hierarquizá-las. Em um trajeto à meia luz, garimpamos e acolhemos pistas daquilo que está se produzindo em nosso campo sobre a temática do pesquisar, na aposta de que essas pistas venham a produzir algum sentido para o leitor que as percorra.

A seção *Outros Temas*, por sua vez, traz a pluralidade temática e metodológica da produção de conhecimento no campo da educação. Nesse número, contamos com quatro artigos. *Sobre o Bem-estar na Revista Boa Forma: corpo, lazer, normalização*, aborda o discurso do lazer na revista *Boa Forma*, tomando como objeto as prescrições de bem-estar. *O Impacto Finan-*

ceiro da Ampliação da Obrigatoriedade Escolar no Contexto do FUNDEB analisa o impacto financeiro da ampliação da obrigatoriedade do ensino da faixa etária de 6 a 14 para 4 a 17 anos, estabelecido pela Emenda Constitucional 59/2009 – uma discussão bastante pertinente aos desafios que ora enfrentamos. *O Trote Universitário como Violência Espetacular* tematiza as determinações históricas do trote universitário, para argumentar que, diante da chamada sociedade do espetáculo, o trote encontra, nas novas tecnologias, um *espaço* bastante profícuo, não só para ser divulgado, como também para reforçar o seu recrudescimento. E, finalmente, o artigo *Infantia: entre a anterioridade e a alteridade*, busca avaliar os efeitos de uma infância concebida em uma perspectiva, marcadamente, etapista e evolucionista, apontando elementos para repensar a criança, em sua alteridade em relação ao adulto.

A todos/as uma boa leitura!

Luís Armando Gandin - Editor-Chefe

Gilberto Icle - Editor Associado

Nalú Farenzena - Editora Associada

Simone Moschen Rickes - Editora Associada

Referências

AGAMBEN, Giorgio. **O que é o Contemporâneo e Outros Ensaios**. Chapecó: Argos, 2009.

PIGLIA, Ricardo. Os Sujeitos Trágicos (literatura e psicanálise). In: **Formas Breves**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

POE, Edgar Allan. **A Carta Roubada e Outras Histórias de Crime & Mistério**. Porto Alegre: L&PM, 2003.